

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Nº 131 JUNHO DE 2022

CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



DESCONSTRUINDO HARRY

No aniversário de 25 anos da série Harry Potter, pesquisadores discutem o impacto cultural e editorial da obra de J.K. Rowling e sua influência na literatura de fantasia

Índice

3 ESPECIAL

Precisamos falar sobre o Harry

Mariana Balan e Murilo Basso

11 ESPECIAL

Quem gosta de Harry Potter pode gostar de...

14 ENTREVISTA

Comunidades possíveis

Guilherme Gontijo Flores

por Luiz Felipe Cunha

25 ROMANCE

Mainá

Karina Buhr

30 POESIA

Pena da nação (à maneira de Khalil Gibran)

Lawrence Ferlinghetti

tradução de Rodrigo Garcia Lopes

34 FOTOGRAFIA

Substância #2

Dani Durães

42 CONTO

Língua de fogo

Marcela Dantés

46 PENSATA

Viver ensaisticamente #1: destino e febre

Julia Raiz



Precisamos H falar sobre o Harry

Mariana Balan e Murilo Basso



Reprodução / reillybrownart

- Arte do fã Reilly Brown representando Harry Potter acompanhado de sua coruja Hedwiges, Rony Weasley e Herminone Granger.

Os livros da escritora J.K. Rowling criaram uma nova geração de leitores em plena era digital — mas ainda têm seus méritos artísticos e acadêmicos questionados

Há 25 anos, leitores de todo o mundo chegavam pela primeira vez à Rua dos Alfeneiros, número 4, no Sudeste da Inglaterra, para conhecer a normal, normalíssima, família Dursley e seu “agregado” — que hoje é possível dizer com tranquilidade que era vítima de maus-tratos, obrigado a viver em um armariozinho completamente insalubre embaixo da escada. O menino era o franzino órfão Harry, sobrinho de Petúnia Dursley e que estava prestes a completar 11 anos

Algumas páginas à frente, descobre-se que o garoto, na verdade, é o único sobrevivente conhecido da maldição da morte, o feitiço Avada Kedavra, que deveria acabar instantaneamente com a vida de quem o recebe. E não somente isso: Harry sobreviveu ao feitiço quando este foi lançado pelo mais maléfico e temido bruxo de sua época, Lorde Voldemort, que no ato perdeu praticamente todos os seus poderes e quase desapareceu da face da Terra. Em Harry, a única sequela resultante do encontro com Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado é uma cicatriz em forma de raio na testa.

Isso é só uma parte do primeiro livro de uma série que, um quarto de século depois, continua um fenômeno global. *Harry Potter e a Pedra Filosofal* apenas apresentou alguns dos personagens, dramas e lugares fantásticos de uma saga que, além das publicações, rendeu diversas adaptações cinematográficas — inclusive filmes inspirados em um livro didático obrigatório para os estudantes de Hogwarts —, parques temáticos, milhares de livros licenciados e até uma peça teatral premiada que se passa duas décadas após os eventos de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, lançado em 2007.

Mestre e doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mateus Fernando de Oliveira diz não ser exagero afirmar que a série Harry Potter inaugurou um novo ciclo da literatura juvenil mundial, especialmente por atualizar o sentido do insólito, do não habitual, na ficção literária por meio de um universo de magia e de infinitas possibilidades. O resultado? Mais de 500 milhões de cópias vendidas ao redor do globo e traduções para 80 idiomas, segundo a Bloomsbury Publishing, editora responsável por publicar as obras no Reino Unido.

“Os best-sellers [infanto-juvenis] publicados entre o final dos anos 1990 e a primeira década dos anos 2000 foram influenciados por Harry Potter como um todo. E não necessariamente pela narrativa, mas pelo impulso mercadológico, porque o mercado editorial viu que poderia alçar voos mais altos. Quem apostaria que escrever livros em sagas, com vários volumes, poderia ser a fórmula para atrair novos leitores? Podemos também citar o envolvimento da literatura com o cinema. Antes de Harry Potter, a ideia de escrever um livro esperando que ele pudesse se tornar um filme era quase impensável. A série de J. K. Rowling levou a literatura juvenil para as telas e abriu caminho para outras adaptações”, comenta Oliveira, citando sagas como Percy Jackson e os Olimpianos, de Rick Riordan, e Jogos Vorazes, de Suzanne Collins.

Sobre o principal mérito de Harry Potter, os especialistas costumam ser enfáticos: atrair novos leitores, sobretudo jovens, o que sempre foi um desafio para pais e professores, mas se tornou ainda mais difícil em uma época com tantas outras opções de entretenimento à disposição, da televisão ao videogame, culminando na atual era do *streaming*. Não significa, contudo, que a série esteja restrita ao público adolescente.

“A saga despertou o gosto pela leitura em milhares de pessoas, de todas as idades e de todas as partes do mundo. Daí sua relevância, pois o peso de uma obra deve ser levado em consideração pelo número de leitores que pode atingir, de uma maneira positiva.

Harry Potter é para todos”, pontua Letícia Adriana Palamar, professora de Língua Portuguesa e Redação do Colégio Positivo em Joinville (SC).

No entendimento da docente, a competência de J. K. Rowling também está no fato de abordar, junto às crianças e adolescentes, temas sérios como discriminação, tolerância, autoritarismo, ética, saúde mental e morte. Quando se fala em Harry Potter, aliás, é quase um chavão dizer que os livros amadurecem junto com seus leitores, tornando-se mais sombrios conforme a série avança.

“O impacto cultural é imensurável quando falamos de Harry Potter. Por alcançar pessoas de todos os lugares, podemos pontuar que existe uma literatura pré e pós-Harry Potter. J. K. Rowling trouxe, com as suas obras, questionamentos sobre os mais diversos assuntos. Esses aspectos, com certeza, fizeram com que o público jovem tivesse uma outra percepção acerca de suas realidades, condutas e relação para com a sociedade e, por que não, consigo”, acrescenta Letícia.

Ademais, ainda que o universo *potteriano* seja de feitiços, seres mitológicos, artefatos que conferem invisibilidade ou permitem que se volte no tempo, os leitores conseguem se identificar com os personagens. Harry Potter e seus amigos não se encaixam na visão tradicional de herói em termos de beleza, força, sabedoria e inteligência — Hermione é uma exceção neste último quesito, mas ela também tem seus momentos de pedantismo e é uma pé no saco em algumas situações, diga-se de passagem.

E Harry, lembre-se, é um órfão. De Oliver Twist a Anne de Green Gables, passando pelos irmãos Baudelaire de Desventuras em Série e por Tom Sawyer de Mark Twain, a literatura está repleta deles. Mas ainda que a grande maioria dos leitores de Harry Potter não seja formada por órfãos, há algo de relacionável em protagonistas sem pais ou família.

“Os órfãos são um reflexo tangível do medo do abandono que todos os humanos experimentam. Os órfãos são párias, separados porque não têm conexão com a estrutura familiar que ajuda a definir o

indivíduo. Esse estado de pária não é causado por ações próprias, mas por sua diferença em relação ao padrão 'normal' estabelecido pela sociedade. Os órfãos são um lembrete de que a possibilidade de uma solidão indesejada existe para qualquer ser humano. Os órfãos são, ao mesmo tempo, dignos de pena e nobres. São uma manifestação de solidão, mas também representam a possibilidade do ser humano se reinventar”, escreveu a pesquisadora Melanie A. Kimbal no artigo “From Folktales to Fiction: The Orphan Character in Children’s Literature”, publicado na revista acadêmica *Library Trends*, da Johns Hopkins University Press.

É ou não é literatura?

Apesar do estrondoso sucesso expresso em números e de um séquito de fãs fiéis, fanáticos, Harry Potter não é uma unanimidade. Uma discussão que permeia a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, o vilarejo de Hogsmead, o Beco Diagonal, a assustadora Travessa do Tranco e tantos outros lugares mágicos do universo criado por J. K. Rowling a partir de uma ideia durante uma viagem de trem diz respeito à seriedade da obra. Harry Potter, afinal de contas, é ou não é literatura?

“Para muitos acadêmicos tradicionais, trata-se de uma literatura ‘pobre’, já que não pertence a um cânone literário, não é uma referência, um clássico”, ressalta Letícia Adriana Palamar, que considera, sim, a obra séria, justamente pela já citada abordagem de temas espinhosos com leveza e de forma acessível a leitores mais jovens.

Ao mesmo tempo, o mestre e doutorando em Letras pela UEL Mateus Fernando de Oliveira afirma que é equivocado falar que a academia tem “preconceito” contra a série, muito pelo seu papel em levar crianças e adolescentes para a literatura. Isso, ele argumenta, os acadêmicos reconhecem.

“Com mais frequência, a academia busca destacar a elaboração artística de uma obra, o que não é

necessariamente o foco de produção desses livros, que contribuem para a formação de novos leitores. A literatura tem como aporte a ficção e a linguagem e quando esses dois universos se juntam e alcançam o mais alto nível de inventividade, verossimilhança e originalidade, como é o caso das obras de Machado de Assis ou Clarice Lispector, passamos a inserir tais obras no repertório cultural da sociedade, porque elas comunicam além do enredo, oferecem leituras da sociedade de determinada época e reinventam o próprio ato de escrever dentro de um determinado idioma”, explica.

Não se trata, portanto, de preconceito. Pelo contrário, são escritos complementares, porque a literatura juvenil é uma ponte até os clássicos, segundo Oliveira.

Dez anos atrás, mais de 60 estudiosos do mundo todo se reuniram durante dois dias na Universidade de St. Andrews, na Escócia (onde fica Hogwarts!), para discutir os méritos acadêmicos de Harry Potter, incluindo temas como o papel do paganismo na literatura, identidade nacional britânica e como a morte é tratada na série, além de análises sobre a estrutura narrativa dos livros. O evento, é claro, não aconteceu imune a críticas.

“De fato, estudar Harry Potter como uma obra literária vira o mundo literário de cabeça para baixo. Se Dumbledore e Hagrid podem receber o status de Dom Quixote e Hamlet, é alarmante contemplar o que vem a seguir. Uma interpretação distópica de *A Lagarta Muito Comilona*? A série *Crepúsculo* como uma obra nível A? (...) Vamos esperar que os participantes tenham aprendido alguma coisa: J. K. Rowling pode ser uma grande contadora de histórias, mas ela não é Shakespeare. Seus livros, embora fascinantes, não foram escritos para estudos acadêmicos. É uma injustiça para os verdadeiros grandes nomes literários da Grã-Bretanha fingir o contrário”, escreveu, na época, a jornalista Sarah Rainey em uma matéria do *The Telegraph*.

Há, ademais, outras polêmicas envolvendo Harry Potter, da falta de diversidade entre os estudantes e corpo docente de Hogwarts a comentários de J. K. Rowling postados no Twitter ao longo dos últimos anos e interpretados como transfóbicos por usuários da rede social. Como quando a autora criticou o termo “pessoas que menstruam” em vez de “mulheres” ou defendeu que se seguisse usando “sexo” (masculino ou feminino, atrelado à biologia) em vez de “gênero”.

Discussões necessárias e que são um sinal dos tempos. Não há dúvidas de que Harry Potter é um fenômeno e despertou o gosto pela leitura de milhares, quiçá milhões, de leitores nesses 25 anos — porque de nada adianta ter lido a série e ficado somente nela, não é? —, mas é o olhar crítico que separa a realidade do encantamento. <



Mariana Balan é jornalista, com passagem pela *Gazeta do Povo* e experiência em assessoria de imprensa e relações públicas.

Murilo Basso é jornalista, com passagens pela *Gazeta do Povo*, *Rolling Stone* e Editora Abril.

Quem gosta de Harry Potter pode gostar de...

Uma seleção de obras para os leitores que ainda estão se iniciando na literatura de fantasia — e também para os já “batizados”



Reprodução / Intrínseca

Percy Jackson e os Olimpianos

A série de cinco livros escrita pelo norte-americano Rick Riordan suscitou em muitos jovens da Geração Z a curiosidade pela mitologia grega. O protagonista, assim como Harry, também leva uma vida aparentemente normal até descobrir que é metade mágico, ligado a deuses do Olimpo, e invariavelmente precisa salvar o dia.



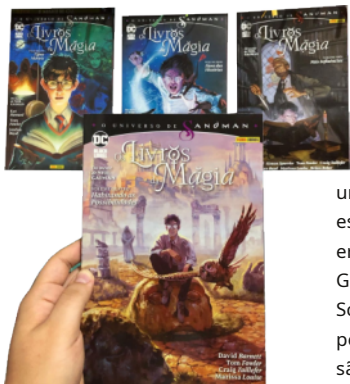
O Lar da Senhorita Peregrine

Uma remota ilha galesa, um orfanato mágico da década de 1940, viagens no tempo, mulheres que se transformam em aves, monstros à espreita e crianças e adolescentes com dons inusitados, tudo sob o olhar de Jacob Portman, um adolescente determinado a compreender as misteriosas últimas palavras do avô. A série criada por Ransom Riggs conta com seis volumes, todos já lançados no Brasil.



Fronteiras do Universo

A trilogia do britânico Philip Pullman formada pelos livros *A Bússola de Ouro*, *A Faca Sutil* e *A Luneta Âmbar* faz o leitor mergulhar em um domínio repleto de elementos fantasiosos, como feiticeiras, animais falantes, demônios e universos paralelos, lançando mão de conceitos de física, filosofia e até teologia.



Reprodução / Blog Cultura & Próxima Leitura

Os Livros da Magia

Um garoto britânico de 13 anos que leva uma vida aparentemente normal e descobre estar destinado a ser o maior mago de sua era. Os quadrinhos com história de Neil Gaiman e artes de John Bolton, Charles Vess, Scott Hampton e Paul Johnson, publicados pela DC Comics no início da década de 1990, são mais densos e sombrios que Harry Potter, mas perfeitos para os fãs do oculto.



Reprodução / Harper Collins Brasil

O Senhor dos Anéis

Se *O Hobbit* é considerado um livro infantojuvenil, o mesmo não se pode dizer de sua continuação, a trilogia *O Senhor dos Anéis*. A alta dose de fantasia presente no universo criado por J. R. R. Tolkien pode levar alguns pais a acreditarem que a obra é uma boa pedida para presentear os filhos pré-adolescentes que curtem Harry Potter, mas a verdade é que as aventuras de Frodo, Gandalf, Aragorn e tantos outros serão melhor aproveitadas pelos mais crescidinhos — por se tratar de uma leitura mais difícil, com mais nuances e mais lenta (não menos interessante, porém) em determinados momentos do que a série de J. K. Rowling. <

Comunidades possíveis

Guilherme Gontijo Flores

por Luiz Felipe Cunha



O escritor e tradutor Guilherme Gontijo Flores fala sobre seu livro mais recente, *Potlatch*, e o sentido de coletividade que permeia a produção de sua obra

Aos 38 anos, o brasiliense Guilherme Gontijo Flores já tem mais de dez livros publicados, que transitam pela poesia, o romance e o ensaio — além de várias traduções. O mais recente, *Potlatch* (Todavia, 2022), é um compilado de poemas escritos a partir de 2017, com inspirações em um ritual violento de partilha de bens materiais praticado, antigamente, por povos originários da América do Norte. A prática seguia uma lógica: o indivíduo que mais se despir de suas posses será o mais benquisto pela comunidade. Segundo Gontijo, o material de seu novo livro mantém um anseio de partilha e comunhão muito semelhante ao rito dos indígenas norte-americanos. “Se alguém escreveu um poema é porque leu um poema, recebeu um presente”, diz.

O autor carrega essa ideia de construção de comunidade para além das páginas. Professor da Universidade Federal do Paraná e radicado em Curitiba há mais de uma década, Gontijo formou um grupo de escrita e crítica que migrou para a internet e criou o famoso blog de tradução *escamandro*. Desde então, passou a “levar a poesia e o fazer literário mais a sério”, como ele mesmo conta.

Tradutor premiado com o APCA e o Jabuti (por seu trabalho em *A Anatomia da Melancolia*, de Robert Burton), Guilherme Gontijo Flores ainda canta e toca diversos instrumentos na banda Pecora Loca, cujo repertório é baseado em traduções de autores da Antiguidade. Recentemente, lançou, em parceria com o artista visual francês François Andes, o livro *Entre Costas Duplicadas Desce um Rio* (Ars Et Vita, 2022) — fruto de uma residência literária de que participou, em 2020, a convite do Festival Internacional de Artes de Tiradentes, na cidade histórica mineira.

Na entrevista para o **Cândido**, concedida na Biblioteca Pública do Paraná, Guilherme falou sobre a elaboração desse último livro, sua obsessão com a natureza e a relação com os poetas da Antiguidade.

A palavra *Potlatch* diz respeito a um ritual praticado antigamente entre tribos indígenas da América do Norte, em que acontecia um rito de destruição de posses baseado na ideia de que o mais rico é quem perde. Como você chegou a essa história e por que dar esse nome ao seu livro?

O *Potlatch* eu vinha escrevendo desde 2017 e, em dado momento, lendo sobre coisas variadas, topei com esse ritual no qual o cerne é o desprendimento de bens materiais. Ou seja, o indivíduo que mais se despe de seus próprios bens em nome da sua comunidade é bem-visto — muito diferente da nossa cultura, em que se acumula para ser benquisto. Percebi que os poemas que estava escrevendo tinham um anseio muito grande de partilha, de construção de comunidade em um mundo em pé de guerra. E fiquei pensando que o conceito do ritual é, no fundo, bem parecido com o sistema dos poemas: se alguém escreveu um poema é porque leu um poema, recebeu um presente. E é natural querer devolver esse presente. Mas não há esse retorno. A poesia quase nunca garante bens materiais — pelo ponto de vista do capital, é uma grande perda de tempo. Mas é feito pelo gesto de comunidade. Para mim é uma projeção de comunidades possíveis. É um circuito infinito de recepção e doação que não está interessado em posses.

Esse conceito parece estar inserido no DNA dos poemas do livro. Você os escreveu já pensando nisso? Ou trata-se de uma reunião de textos esparsos?

Geralmente, os meus livros não começam pelo título ou por um projeto — talvez um ou dois tenham

invertido essa lógica. Em geral, escrevo poemas novos e vou selecionando-os por afinidade, diferenciando daqueles que são exercícios e ideias abstratas. São os poemas que vão me mostrando o caminho. Cheguei no título *Potlatch* uns dois anos antes da publicação. Aí que comecei a escrever pensando na unidade do livro. O livro tem de ter uma unidade, mesmo que os poemas tenham sido escritos em fases variadas. Retiro vários que não fazem sentido como conjunto e, quando o projeto do livro emerge, começo a escrever deliberadamente e trabalhar em torno do que o livro pode ser. Não começo do puramente abstrato.

Me parece a mesma lógica que alguns músicos adotam quando lançam um novo álbum. Isso faz sentido para você, já que também tem envolvimento com a música?

Exatamente. A partir das músicas eles passam a pensar em arranjos para que aquilo de fato seja um álbum e não apenas um ajuntado aleatório de coisas que foram feitas em um determinado período. Penso no livro como álbum porque chega uma hora em que é preciso uniformizar (pelo menos é assim o jeito que eu quero, apesar de ter uma gama de variedades em um livro). Para que o leitor reconheça que não deu nenhum salto absurdo, que perceba que está tudo, de certo modo, conversando. E isso diz respeito a escolha de palavras, modo da frase, recursos rítmicos... Como um álbum.

No poema “Pasárgada”, presente na primeira parte de *Potlatch*, há referências à Grécia Antiga, ao clipe de “I’m Still Standing”, do Elton John, e às religiões de matrizes africanas, com a presença do Orixá Xapanã. Esse mix cultural, que aparece em outros poemas, é trabalhado como um objetivo a ser alcançado? Parece difícil fazer essas conexões sem soar pedante.

Minha exigência pessoal é que um poema tem que tratar da vida. Sinto que autores mais novos têm um anseio de autoafirmação. E essa autoafirmação acontece de modo citacional. O sujeito lista nomes para mostrar que está por dentro. Me esforcei para não fazer isso quase nunca, de modo que, quando aparece, soa natural. Como uma parte real da vida. E uma parte real da vida é o convívio com as artes. Não há hierarquia quando escrevo sobre uma cidade milenar, se falo de algo da semana passada ou se falo de algum momento da minha vida. O Elton John não está no poema para afirmar. Nem ironicamente nem a sério, nada. Está porque é real.

Você acha que cada lançamento representa um evolução sua como poeta? Ou cada obra carrega um propósito diferente?

Do ponto de vista intelectual, o ser humano atinge a maturidade mais ou menos na idade com que estou no momento, 38 anos. Por enquanto, tenho a impressão de que, a cada livro que faço, consigo ir a um ponto novo em que não fui nos outros. Mas não tenho certeza se vai ser sempre assim. Pode ser que em algum momento da minha vida eu queira fazer um retorno para maturar. Não sei responder. O que sei é que meus cinco primeiros livros são um esforço muito grande para recusar uma voz unificada, diferentemente de alguns poetas iniciantes que querem, logo de cara, ter uma assinatura. Nos primeiros anos, me recusei a ter um estilo. No entanto, principalmente com os apontamentos de amigos próximos, percebi que havia algo que ainda era uma assinatura (risos). Os dois últimos livros de poesia são um pouco uma retomada, assumindo que alguma voz emerge como que a contragosto. Continuo tentando não me apegar a uma dicção ou a um jeito, mas sinto uma estabilidade, que hoje acho interessante.

Em um texto publicado neste ano no jornal *Plural*, o também tradutor e escritor Caetano Galindo chama você de “maior poeta de sua geração” (“Trata-se, sempre, de uma poesia sonoramente inteligente, sofisticada, surpreendente, desviante e exuberantemente linda”). Também afirma que *Potlatch* é um “livro fundamental”. O que você pensa sobre esse tipo de elogio?

(risos) Ele me enviou o texto antes de ser publicado, é um amigo meu. Admiro muito como pessoa, como escritor e tradutor. Mas temos temperamentos muito diferentes. O Caetano escreve frases muito naturalmente, ele pensa bombasticamente. Não consigo dizer qual poeta gosto mais ou elencar meus discos preferidos... Sou muito difuso. Não é falsa modéstia, mas não me chamaria de maior poeta da minha geração porque não é como penso e me organizo. Mas é óbvio que fiquei muito honrado com o texto. Como poeta, quero produzir algo relevante.

Nesse mesmo texto, Galindo fala sobre a relação de coletividade que faz parte da elaboração de suas obras. Ficou entendido que você compartilha bastante seu material com pessoas próximas, de confiança. Não se incomoda com eventuais críticas sobre seus trabalhos?

Sinto que voltei a escrever pelo motivo contrário ao que a maioria das pessoas é levada a escrever. Voltei a escrever por causa de um grupo que foi formado no ambiente acadêmico, com o intuito de criticar os textos uns dos outros, no sentido de apontar melhoramentos. Passei a escrever pelo prazer de encontrar as pessoas e elas criticarem os poemas, de tentar levar a sério a crítica e não levar pelo lado pessoal. É muito fácil preservar a amizade fazendo elogios vazios. Por isso, vejo a leitura coletiva como um ato de generosidade. Com os contratempos da vida, o grupo se desfez, mas não perdi o hábito de compartilhar escritos com amigos próximos. São pessoas que sei que, quando elogiam, de fato é um elogio. E, quando criticam, é

para se levar a sério. O Caetano mesmo já disse que acha incrível que eu adoto as sugestões dele.

Então você não se considera uma pessoa vaidosa?

Não, nem um pouco. Quero que o poema atinja um ponto, que não me proteja de nada. Num limite, daria para pensar que os poemas talvez devessem ser assinados não só por mim. Para dar um exemplo: essa semana estava fazendo uma série de poemas e, em um dado momento, enviei o mesmo poema para o André Capilé e para o Caetano Galindo. E a resposta foi antípoda: um falou que era o melhor poema da série e o outro não achou grandes coisas...

Nesses casos, para onde seguir?

Pois é, nessas horas percebo que tenho de tomar as decisões sozinho. Algumas vezes faço algumas pequenas alterações, mas aposto no jeito que está. O poeta tem que ser alguém que aposta.

Neste ano também foi lançado o livro *Entre Costas Duplicadas Desce um Rio* (Ars Et Vita), resultado de uma parceria com o artista visual François Andes em Tiradentes (MG), durante um período de residência literária realizado entre novembro e dezembro de 2020. Foi sua primeira residência? Como foi a experiência?

Foi a primeira como escritor. O tema do evento daquele ano foi “água” e a organização resolveu chamar dois artistas residentes: eu, como escritor, e o François Andes, como artista visual. Já nos conhecíamos antes, em edições anteriores desse mesmo evento. E foi incrível! Ambos já tinham pesquisado e produzidos trabalhos relacionados à água. Quando chegamos lá [em Tiradentes] começou a troca, de fato: conversávamos bastante, compartilhando nossas

produções, e também produzindo a partir do trabalho um do outro. Durou duas semanas. Todo dia fazia caminhadas longas e observava os rios, que são muitos, da região. Foram dias muito férteis. No ano seguinte, recebemos a proposta de transformar essa troca em livro, um livro que não fosse nem um livro de poesia ilustrado, nem um livro de artista plástico com meros poemas intercalando as páginas. Nesse sentido, esse livro é um objeto único.

A natureza está bem presente em seus trabalhos, com a presença de rios, plantas, animais, etc. Qual a sua relação com as coisas naturais? É uma obsessão literária para você? Aliás, você tem alguma obsessão literária?

(pensativo) Acho que é da ordem da obsessão, sim... Morei três anos em Morretes [PR], em uma chácara no meio da Mata Atlântica com a minha família. E foi uma experiência muito forte, porque se inicia como algo ingênuo de retorno à natureza e depois se torna algo mais sutil e complexo, com múltiplas interações possíveis. É nesse período que começo a escrever porque percebo muito forte o impacto da vida urbana, principalmente no sentido de naturalizar ações que não são nada naturais, como soterrar rios. Mas o espaço urbano também tem seus mistérios e pode se tornar um espaço de convívio com a natureza. Perto da minha casa tem uma paineira gigante, considerada a mais antiga da cidade. Sempre passo por ela e tenho o meu momento com aquela árvore antes de seguir adiante. Parece papo hippie, mas não é.

O seu primeiro e único romance até o momento, *História de Joia* (Todavia, 2019), parece ser uma inflexão na sua carreira. É mais plano, urbano, inclusive no uso de uma linguagem mais coloquial, do dia a dia. Você se sente confortável escrevendo uma narrativa longa?

É bem difícil. Às vezes me arrependo de ter publicado como romance, devia ter lançado com o subtítulo

“poema”. Cheguei a cogitar isso na época. Pois é um romance, no sentido de que é uma narrativa longa, disposta visualmente em prosa. Mas qualquer um que lê percebe que não é um romance típico, mas um romance que só um poeta iria querer fazer (risos). Ali estava mais preocupado em como tentar narrar o limite da tensão, por isso criei esse personagem, Joia, que não tem voz. Só obtemos informações sobre essa pessoa pelos outros. A maior dificuldade foi tentar achar o tom: tudo que eu escrevia saía demasiado poético. Além disso, diferentemente dos poemas, fiquei muito tempo maturando esse livro na cabeça antes de escrever.

Em entrevista para um periódico da UFPR, você diz que o poeta da Roma Antiga Sexto Propércio foi uma das descobertas que o estimulou a entrar no mundo da tradução. Depois virou até paixão. Quais características do poema romano que você percebe em sua produção poética?

Acho que sim. Tinha parado de escrever e comecei a traduzir. No fim da graduação em Letras, entendi que o meu mestrado iria ser Propércio — foram dois anos só traduzindo. Nele, vi uma capacidade de ser muito leve, para o padrão da época, e direto. E ao mesmo tempo muito sutil e irônico. Além de ser um trabalho incrível de linguagem e sonoridade, com um textura admirável. Para mim, traduzir Propércio foi aprender, porque passei a tentar escrever como ele, só que em português. Sinto que carrego um anseio de uma linguagem que não seja totalmente obscura, mas que não está a fim de banalizar nenhum assunto — posso falar sobre a coisa mais boba possível, mas terá um tratamento com dignidade. Mas também me influencio por outros autores. Horácio foi meu assunto de doutorado e dele peguei o gosto pela organização das frases. Sou influenciado pelos dois, mas tenho uma preocupação em nunca soar clássico, mantendo meus dois pés no presente. <



Mainá

Karina Buhr

Argélia

A gente era pequeno na rua da Bica, do lado do Beco da Faca, por trás do morro do Cecílio. Eu devia ter uns seis ou sete anos.

A toalha da mesa da cozinha sempre era de flores, às vezes eu deixava ela suja e minha mãe reclamava, Etrusco, meu filho, de novo a toalha sebosa! Eu achava que tinha mudado, mas era a mesma da semana passada. Sempre tinha um cinzeiro e eu trocava por um açucareiro quando chegava visita. Não tinha problema um cinzeiro, mas era um cinzeiro com muita cinza, eu achava que não parecia uma cozinha normal.

Minha mãe usava batom e fumava, não tinha problema as fumadas, eu só achava feio o cinzeiro cheio de cinza e bituca de batom na mesa que a gente ia comer feijão e carne. Ela dizia que filho não mandava, mas eu não queria mandar, só trocara cinza pelo açúcar.

Depois a gente era pequeno ainda. Uns dezessete anos os dois juntos. Era ladeira todo dia, indo e voltando, mas a gente nem sentia, o objetivo era ir pra escola logo e cedo, pra não ter reclamação, e voltar o mais rápido possível pra encontrar os comparsas.

— Só tinha homem?

Você sempre pergunta se só tinha homem, que obsessão!

— É o contrário, minha gente, pode ver que a resposta de vocês sempre é sim. Se só tinha homem, só tinha homem, posso fazer nada, vocês sim.

— A gente pode fazer o quê, se o tempo já passou, Mainá?

— Mas o tempo volta sempre, ele faz a curva, é só esperar.

— É o vento que faz a curva, mulher!

— Ah, é. Mas, se reparar direito, o tempo faz também. Aquela mazela resolvida e enterrada, quando você menos espera ela volta pra puxar seu pé de noite.

- A gente pode terminar de contar?
— Sim, claro, já calei a boca, dr. Hermoso.

— Eu não me lembro de tudo, mas o que eu lembro é pra sempre. Teve um dia que a gente caiu da ladeira, todo mundo junto, todos os meninos da rua, em cima de um carrinho só. Não tinha como dar certo, mas a gente só entendeu isso quando se estabacou lá embaixo, joelho ralado, sangue plissado, parecia cena ruim de verdade mas nem era, o sangueiro foi porque Junio levou um corte pequeno na testa, e testa, que é perto do olho, diz que é sangria certa.

Seu Julião chegou correndo, nem ligou pra gente porque já sabia que sério não era, não sei como ele já sabia, mas ele sempre já sabia de tudo, principalmente sobre quedas de crianças amontoadas brincando. Ele já chegou correndo pelo meio da rua, como se a gente fosse da equipe de salvamento, mas a gente que precisava de salvação, pelo menos é o que a gente imaginava. Imaginar a gente sabia. Seu Julião: “Cooooorre, minha gente! Argélia vai ter menino!!”.

Foi um corre pra cá, corre pra lá, ninguém se lembrava mais de corte nem de arranhão, corre, menino! Estourou!

- Estourou o cano?
— O bucho de Argélia estourou!
— Meu deus!
— O bucho não, miserávi, a bolsa!
— Que bolsa? O que tem a ver bolsa com bucho?
— Tudo!
— Entendo mais nada, vou calar minha boca.
— Isso!!

Os meninos tudo suado, aquarela salgada com sangue escorrido, meio seco já, um nojo de sovaqueira pré-adolescente, não sei como conseguem arrumar tanto aroma.

A sala estava azul, uma coisa linda, a santa no meio, iluminada, misteriosa, um douradinho sutil nas sobranceiras, parecia uma mulher de Vênus na porta de um disco voador, a mesa cheia de flores pequenas, na cabeceira floradas maiores, essas todas brancas e

azuis com um miolinho amarelo, todas feitas à mão pelas benzedadeiras do bairro, tudo no silêncio completo.

Um silêncio leve, nunca tinha ouvido um silêncio assim.

As rezadeiras floristas estavam todas lá e foi boa essa sensação, de vê-las também num contexto de saúde e vida, até aquele dia a gente só encontrava com elas na doença e na última rezada. Até acho que foi ali que pela primeira vez eu percebi que elas eram bonitas, antes eu só enxergava a benza. Mariinha e Davina rezando baixinho, as duas de olhos fechados as duas fazendo um riso. Nunca vi um lugar tão bonito na minha vida, e olhe que aquela casa era feia, viu?! O silêncio foi se acabando sem planejamento, não sei se por nervoso de todo mundo, mas por que teria que ter nervoso pra nascer uma criança? Parece que tem água gelada ali no cantinho, mergulho no copo de alumínio, preciso de água gelada.

Argélia teve menino! Mas foi menina.

Dá no mesmo, é só porque querem inventar mais novidade e informação do que já é um nascimento de uma criança. Já tem tudo ali, um corpo com uma alma dentro, uma cabeça com cabelo ou sem, uma cara engelhada, roxinha, pretinha, rosinha, amarelinha, desdentada e muito amor de todo tamanho. Acho que ser humano é feito pra isso, pra quando nasce a gente ficar feliz — a própria pessoa nascida porém não fica, estava lá de boa, nadando no quentinho e de repente cai aqui nesse lugar — e aí depois tanto faz, pode ficar até bem triste, o principal já passou.

As vizinhas foram chegando, cada uma abraçando a outra, depois também alguns vizinhos e outros avulsos. A luz era linda demais e as músicas que começaram a cantar eu não me lembro direito, mas nunca vou me esquecer. Falavam de Maria, José e o menino, de um céu com uma estrela maior, da seiva, da rama e da flor. Não entendi a parte de Salvador.

O nome escolhido foi Mainá. <



Karina Buhr nasceu em 1974, em Salvador, e aos oito anos mudou-se para Recife, onde iniciou sua carreira como cantora e compositora. Em 2000, entrou para a companhia Teatro Oficina, participando das montagens de *As Bacantes* e *Os Sertões*. Lançou os discos *Eu Menti pra Você* (2010), *Longe de Onde* (2011), *Selvática* (2015) e *Desmanche* (2019). É autora do livro de poemas *Desperdiçando Rima* (Rocco, 2015). O trecho publicado pelo **Cândido** é de *Mainá* (2022), seu primeiro romance, que será lançado pela Todaviã em julho.

Pena da nação

(à maneira de
Khalil Gibran)

Lawrence Ferlinghetti

tradução de Rodrigo Garcia Lopes

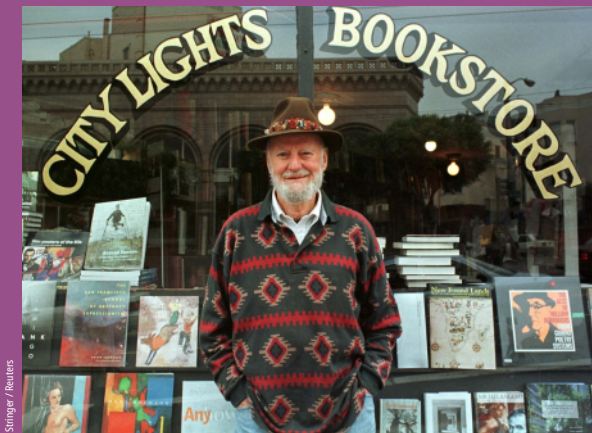
Pena da nação (à maneira de Khalil Gibran)

Pena de um país cujo povo são ovelhas
Cujos pastores as desencaminham
Pena da nação cujos líderes são mentirosos
Cujos sábios são silenciados
E cujos fanáticos assombram as ondas do rádio
Pena da nação que não levanta a voz
A não ser para exaltar conquistadores
E aclamar o valentão como herói
E quer mandar no mundo
Na base da força e da tortura
Pena da nação que não conhece
Nenhuma língua a não ser a sua
Nenhuma cultura a não ser a sua
Pena da nação que respira dinheiro
E dorme o sono dos bem-alimentados demais
Pena da nação ah pena do povo
que deixa seus direitos serem corroídos
e suas liberdades varridas do mapa
Pátria amada, lágrimas de ti,
Gentil terra da liberdade!

Pity the nation (after Khalil Gibran)

*Pity the nation whose people are sheep
And whose shepherds mislead them
Pity the nation whose leaders are liars
Whose sages are silenced
And whose bigots haunt the airwaves
Pity the nation that raises not its voice
Except to praise conquerors
And acclaim the bully as hero
And aims to rule the world
By force and by torture
Pity the nation that knows
No other language but its own
And no other culture but its own
Pity the nation whose breath is money
And sleeps the sleep of the too well fed
Pity the nation oh pity the people
who allow their rights to erode
and their freedoms to be washed away
My country, tears of thee
Sweet land of liberty!*

Nota do tradutor: O poema de Ferlinghetti, de 2007, foi inspirado em um poema de mesmo título publicado em 1933 pelo autor libanês Khalil Gibran (1883-1931) em *O Jardim do Profeta*.



Stringer / Reuters

➤ **Lawrence Ferlinghetti** (1919-2021) foi um dos maiores poetas e editores norte-americanos da segunda metade do século xx. Pintor, dramaturgo e ativista político, publicou mais de 40 livros (entre ficção, poesia, autobiografia e crítica de arte). *Um Parque de Diversões da Cabeça* (1958) é um dos maiores *best-sellers* de poesia da história americana, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos. À frente da hoje lendária editora *City Lights* (a primeira livraria alternativa da Costa Leste), colocou São Francisco no mapa da vanguarda literária.

➤ **Rodrigo Garcia Lopes** é poeta, romancista e tradutor. Autor de *O Trovador* e *O Enigma das Ondas*, entre outros. Prepara *Poemas Coligidos 1983-2020*, a ser lançado em breve pela Kotter Editorial. Site oficial: www.rgarcialopes.wix.com/site

Subs. tância #2

Dani Durães

Substância #2 é uma série de fotografias marcantes da trajetória de Dani Durães, mestranda em Cinema e Artes do Vídeo pela Unespar / FAP. Bailarina e fotógrafa, a curitibana acompanha de perto processos criativos, apresentações e trabalhos de artistas da cidade. A seleção de fotos foi realizada a partir das vivências artísticas de Durães, partindo da ideia abstrata de substância — como gosta de pensar a imagem, além de registros. Mais trabalhos são compartilhados no Instagram @doubled.dd. <



Vórtices, videodança de Naiana Sato



Crise (2017), solo de
Alessandra Lahis Tejeira

Lorena (2017), solo de Jean Hannig





Ânsia (2017), videodança de Dani Durães



Rites Of Fire (2019), capa para álbum da banda *The Secret Society*



➤ **Rainhas das águas** (2019), ensaio fotográfico de Nádias Freitas

➤ **Pina** (2018), performance de Bruna Póvoa





➤ **Deriva** (2020), videodança de Rodrigo Rhenan Domingues

➤ **Sete Palmos de Terra** (2021), de Helen de Aguiar —
Téssera Companhia de Dança (UFPR), bailarina Caroline Martins





➤ **Princípio** (2018), peça da Setra Cia, direção de Eduardo Ramos

➤ **Um Grande Dia em Curitiba** (2022), mobilização de escritoras para celebrar a literatura produzida por mulheres



Língua de fogo

Marcela Dantés

Todos os jornais disseram, mais de uma vez, que era uma questão de cinco ou seis dias a contar de segunda-feira. Depois, como se porque tivessem errado na primeira vez, desistiram de fazer previsões, não falavam mais, só se dizia que ia acontecer, não quando.

Mas ia.

Já haviam se passado nove dias da segunda-feira, de modo que era de se esperar que não houvesse ali mais ninguém, no máximo, talvez, um casal muito velho de velhos que saberia não fazer sentido algum em abandonar a casa e começar tudo de novo em outro lugar faltando tão pouco tempo para o fim. Dançariam, abraçados, as lágrimas nos olhos, à semelhança dos músicos em um navio que afunda mas onde não se deixa de ter ouvidos. Ou acenderiam o fogo e assariam uma carne vestindo somente a parte de baixo de um pijama, dançando com os braços para cima e chorando ainda. Ninguém lhes veria as lágrimas, entretanto, porque fumaça.

Mas não, as casas não estavam vazias e bastava olhar as roupas estendidas no varal para se dar conta disso. Porque os cachorros que ciscavam do lado de fora poderiam ter sido deixados para trás e ciscavam justamente porque precisavam aprender a comer sem a mão de alguém. Porque a grama verde espalhada entre as casas poderia ser sobrevivente e mais nada, porque o barulho de louça se encostando poderia ser um delírio. Mas a roupa recém estendida nos varais não podia ser nada além da confirmação de que ninguém tinha ido embora dali, porque ninguém foge deixando a roupa limpa para trás.

Também, ninguém lava a roupa com o tempo em suspensão, no ar pesado de um lugar que não deveria, mas vai desaparecer. Ninguém lava a roupa no fim do mundo, mas ali estava a roupa estendida, no varal de

um e de outro, lençol, calça, camisa, toalha, outra calça, um macacão de bebê muitas meias de todas as cores e de vários tamanhos, uma dela sem par, onde será que tinha ido parar o outro pé daquela meia? Eles não sentiam o ar? Eles não acreditavam nos jornais? Todos os jornais diziam ele vai acordar, de novo depois de quase mil anos ou algo assim, ele vai acordar e todo mundo tem que sair, tem que ir embora, *better run, better run*, mais rápido que a lava.

Por vezes a lava é muito líquida e escorre com velocidade de 20 a 50 quilômetros por hora e um homem não, principalmente se estiver carregando nas costas a trouxa inteira de roupas limpas, o lençol, as toalhas, o macacão de bebê. Ou o bebê. Mas ninguém correria, porque não se corre da história, não se deixa para trás uma montanha, um vulcão, a terra que é sua, onde a sua mãe enterrou o seu umbigo e viu crescer um pé de limão, se o limão não vai, ninguém vai também, a lava vai lamber cada um e todos eles, os cachorros, os velhos, os homens com suas enxadas ou o bebê. E o bebê, coitado, que ainda sabe tão pouco, não podia imaginar que o seu nome foi escolhido pela montanha, que nem montanha era, que seu nome combinava com o nome daquele vulcão e que depois deles tantos outros teriam o mesmo nome, mas não ali, não naquelas terras, porque aquela parte do mundo estava prestes a acabar, era uma questão de cinco ou seis dias e depois daquilo tudo que ali nascesse se chamaria cinza e não nasceria outra vez.

V.S. viveu por oitenta e três anos, dois meses e dezoito dias. Teve dois filhos e uma neta e guardou no fundo da gaveta de todas as mesas de cabeceira que teve nesse tempo a touca de lã que usava na terça-feira em que foi retirado da cama por sua mãe antes que o sol nascesse e antes que alguém abrisse os olhos para se dar conta

de que os dois não ficariam ali, como o resto. Mas morreu e sua neta Gabriela, que tinha o mesmo nome que sua mãe, ao esvaziar as gavetas, não soube da utilidade daquele objeto miúdo e encardido, de modo que hoje ele espera qualquer coisa dentro da caixa que diz descarte. <



> **Marcela Dantés** nasceu em Belo Horizonte, em 1986. Publicou o livro de contos *Sobre Pessoas Normais* (Patuá, 2016, semifinalista do Prêmio Oceanos 2017) e o romance *Nem Sinal de Asas* (Patuá, 2020, finalista do São Paulo de Literatura e do Jabuti de 2021). *João Maria Matilde*, seu novo romance, foi lançado em maio pela Autêntica.

Viver e nsa istica mente

#1: destino e febre

Julia Raiz

Reflexões sobre a fantasia e a metamorfose a partir da leitura do conto “Teleco, o coelhinho”, de Murilo Rubião

*Entre britar pedras e lidar com as palavras,
briar pedra é como cortar manteiga*

João Etienne

Eu tinha uns 13 anos quando fui com a minha mãe num bazar da Fundação Campo-Cidade no bairro Cachoeira. A Fundação está na ativa desde 1993, ajudando famílias de produtores rurais a venderem seus produtos em feiras, bazares e igrejas, sem a intermediação de atravessadores. Atua na cidade de Ibiúna, interior de São Paulo, na área da agricultura, educação, capacitação técnica e cultura.

O bazar estava acontecendo numa igreja do bairro. Tinha roupa, bijuteria, miudezas de todos os tipos e livros. Lá eu ganhei os primeiros livros que não eram infantis e que não chegavam pela escola. Os livros foram um presente em troca de eu ajudar a organizar uma pequena biblioteca com a Fundação.

Um dos livros que ganhei e que ainda está comigo é *O Homem do Boné Cinzento e Outras Histórias*, do Murilo Rubião, escritor mineiro, contista do “realismo mágico”. Nas primeiras páginas do livro tem uma entrevista bem curtinha com o Murilo, em que ele dizia uma coisa muito esquisita para uma menina de 13 anos: levei 26 anos para terminar essa história.

Minha vez de falar uma coisa estranha: estou há 17 anos ruminando um conto desse livro. Escrevo a partir de um profundo mal-estar que “Teleco, o coelhinho” me causou e voltou a me causar, essa semana, quando reli o conto. É um texto curto de oito páginas.

Quem conta a história, em primeira pessoa, é um homem sentado de frente para o mar. Aparece uma vozinha pedindo um cigarro, o homem se irrita e

manda o moleque ir embora. A vizinha insiste. Quando o homem, mais irritado, vai brigar com o menino vê que quem fala é um coelhinho cinza.

O homem e o coelhinho começam a conversar e se dão bem, ficam a tarde inteira conversando. O homem fica com pena do coelhinho que vive vagando por aí, sem moradia certa, e leva o coelhinho para morar com ele. Lá o bicho, muito amigo, muito querido com todo mundo, revela sua capacidade de se transformar em outros animais conhecidos ou desconhecidos, de vários tamanhos, formatos, cores, espécies: podia ser uma hora um avestruz, outra um leão e outra uma pulga.

Depois de um ano de uma relação estável de companheirismo, surge o primeiro conflito grave entre os amigos. Teleco leva Teresa para morar na casa deles, está apaixonado. Decide não se transformar mais em nenhum outro bicho e mantém a forma de canguru. Começa a se dizer humano e Teresa confirma, sem aparentar dúvidas. Teleco agora é um homem (mesmo que em forma de canguru) chamado Antônio Barbosa.

O outro homem, o amigo, também se apaixona por Teresa. E a amizade dos dois começa uma parábola até o fundo do poço. Depois de uma convivência violenta e sufocante entre os três na mesma casa, Teleco e Teresa se mudam. Teleco, não, Antônio Barbosa vira mágico. Faz sucesso pela cidade.

Depois descobrimos que o casal vai parar no circo. Um dia, o narrador está em casa quando recebe a visita de Teleco ou Antônio (ou seria o caso de precisarmos de um terceiro nome?), já sofrendo um colapso. Ele conta em fragmentos, entre soluços, uma história assustadora que não conseguimos decifrar direito: circo / fogo / Teresa.

Teleco (?) não consegue mais parar em uma pele só. Passa cada vez mais alucinante de forma em forma animal, não se fixando por segundos em nenhum corpo. Está tomado por uma febre terrível. O amigo tenta em vão segurá-lo com os braços, fazer seu sofrimento parar. Até que exausto, o homem cai no

sono. Quando no dia seguinte acorda, encontra no seu colo Teleco transformado em uma criança encardida, sem dentes, morta.

O mal-estar que eu sinto em relação a esse conto é compatível com a minha fascinação. Ele está sempre em algum lugar no fundo da minha mente, contaminando tudo o que eu entendo por literatura. O que trouxe o conto de volta para a minha vida foi ler sobre a cruz de Cristo.

De repente fui tomada por um sofrimento pela árvore transformada em cruz. A árvore enquanto cruz ainda é árvore? Já é cruz? É a cruz a reencarnação da árvore? A árvore transformada em cruz me pareceu uma morte sem reencarnação, que destrói a substância "original", a metamorfose mais radical.

Depois de reler o conto, fui procurar mais sobre a vida de Murilo Rubião. Descobri cartas trocadas entre Murilo e Fernando Sabino / Murilo e Mário de Andrade. Pessoas escritoras parecem conhecer muito bem a angustiante necessidade de partilhar um destino: *Quero só que você saiba que continuo mais do que nunca acreditando e temendo seu destino de escritor e de artista. Como o homem que você pode vir a ser sem literatura, eu poderei admirar e gostar apenas, mas sem aquela angustiante necessidade de partilhar de um só destino*, escreveu para ele Fernando Sabino, em uma carta que é uma comovente declaração de amor.

Em outra carta, trocada com Mário de Andrade, a quem Murilo admirava muito e mandava contos em que estava trabalhando, achei o seguinte comentário: *O próprio Kafka, confesso a você que frequentemente me deixa numa insatisfação danada. Sim, como você também tem esse dom, ele consegue me impor o extra-natural de tal forma que, como já lhe falei na carta anterior, o problema do irreal, passada a surpresa inicial, deixa de existir, não raro me parece que **a fantasia não é suficientemente fantasia**, não corresponde ao total confisco da lógica realística (não é bem isso) que ela pressupõe, pra atingir uma ultra-lógica, dentro da qual, no entanto, interfere sempre uma lógica realista muito modesta e honesta.*

Mário de Andrade diz que se aborrece com a fantasia que não é suficientemente fantasia, que passado o espanto inicial, revela-se dentro de uma lógica realista, atinge uma ultra-lógica. Concordo com Mário que isso acontece, às vezes a fantasia não é mesmo suficientemente fantasia. Mas talvez não seja tanto por causa do texto, mas por causa de leituras que querem forçar a matéria do absurdo / inexplicável / insólito no molde da ultra-lógica. Não me interessam essas leituras interpretativas de “Teleco, o coelhinho”.

Também não quero aprender nada com Teleco, prefiro continuar abismada com a sua febre, com a sua metamorfose sem retorno à figura “original”, com o grande escape que é a sua morte desdentada e encardida. Teleco é o mágico que opera sobre si mesmo a magia mais radical do desaparecimento. Me apeguei à Catherine para me justificar.

Uns anos atrás, fiz uma viagem com minha amiga Estela Rosa para Florianópolis. Visitamos o campus da UFSC e Estela comprou um livro azul escuro, que parecia mais um caderno de anotações. Eu gostei da capa, pedi emprestado e acabei ficando com ele. O livro se chama *Ontologia do Acidente* e foi escrito pela filósofa francesa Catherine Malabou.

A preocupação do ensaio é a “plasticidade destrutiva”. No primeiro capítulo do livro, Catherine fala sobre como, no imaginário ocidental, a metamorfose é raramente apresentada como um real e total desvio do ser. A forma se transforma, mas a substância permanece.

Especulando para além desse imaginário ocidental, Catherine nos provoca a pensar numa mutação que compromete tanto a forma quanto o ser. Uma metamorfose radical, que seria a fabricação de uma pessoa nova, de uma forma de vida inédita, sem nenhum ponto em comum com a forma precedente.

E aqui Catherine encontra Mário de Andrade, em sua crítica à Kafka e o que Mário enxerga de Kafka em Murilo: para ela Gregor Samsa muda de forma, mas de certa forma permanece o mesmo, à espera de sentido.

A fantasia não é suficientemente fantasia. Samsa continua seu monólogo interior e não aparece transformado em substância. A plasticidade destrutiva, rompendo com esse imaginário ocidental, se refere, então, ao esquecimento total, perda das referências simbólicas: não retorno à substância primeira. A forma de vida que deserta a si mesma.

Plasticidade destrutiva tem muito a ver com pulsão de morte, por isso Catherine pergunta no final do capítulo: como dar *visibilidade* à pulsão de morte? Como escritora fico imaginando como seriam essas narrativas desertoras da substância “original”.

Volto para Teleco-que-não-é-mais-Teleco.

Desconfio que ele dá visibilidade à pulsão de morte, não porque no final do conto se transforma e morre / se transforma para morrer / a morte o transforma. Mas porque o trauma da morte violenta de Teresa (da realidade do sentimento se chocando contra a ausência da presença física) o rompe tão violentamente que o sentido e a linguagem são impossíveis (ele não fala, balbucia e depois alcança uma fala traumatizada feita da mistura de vários bichos diferentes). O amor o destrói de dentro pra fora e acaba com a possibilidade que ele teria de voltar a ser *ele mesmo*.

A saúde, a sanidade e a inteireza do seu próprio corpo como uma unidade coerente estão fora do seu alcance. O estado do agora é a própria febre, um afastar-se de si não em direção ao Teleco, o coelhinho, nem ao homem-em forma de canguru Antônio Barbosa, nem mesmo ao Teleco-que-não-é-mais-Teleco, mas à morte de si como substância. Todas as formas da personagem caminham para a dissolução.

Essa nova criatura em desmanche, que é mais um rodopio de energia, só se fixa momentaneamente como criança morta para já encarar, logo em seguida, a decomposição e transmutação energética. E é a criança a forma (sempre quase) final que se combina com o absurdo, povoando um mundo de sonhos em que formas desconhecidas se encontram.

Ainda ficarei anos digerindo o conto “Teleco, o coelhinho”, ele vai continuar no fundo da minha mente, mas quero arriscar e dizer que esse texto de Murilo escapa. Sua fantasia é, sim, suficientemente fantasia porque destrói a substância “original” e não pode ser reduzida a uma lógica ainda que honesta. Rompe com a tradição ocidental das metamorfoses que não alcançam as possibilidades da plasticidade destrutiva.

Gostaria de enviar um recado que viajasse no tempo. Um agradecimento à Fundação Campo-Cidade, um agradecimento à pessoa que colocou o livro nas minhas mãos e um agradecimento a Murilo por ter continuado mesmo sem saber por onde estava indo. A resposta dele para Mário, intermediado pelo amigo Fernando Sabino, é prova de suas insistências:

O Fernando disse-me, logo após ter regressado de São Paulo, que você desejava muito falar comigo. E mostrar-me os incríveis defeitos que tenho. Pode estar certo, Mário de Andrade, que os seus conselhos poderão ser decisivos para a minha arte. Tenho caminhado muito, dado socos, pontapés e trabalho desordenadamente. E, quase sempre, depois de árdua luta, fico sem saber se avancei ao menos uns poucos passos. Isto, porque caminho, aos trambolhões, sem noção do que estou fazendo. Infelizmente, não gosto de fazer outra coisa senão literatura. E não faço, exclusivamente, para mim ou porque deseje fazê-la.

A sua ajuda me será muito preciosa, torno a repetir. E sei que você me ajudará.

Um grande abraço do

Murilo Rubião <

➤ **Julia Raiz** é escritora, mantém o podcast *Raiz Lendo Coisas* e trabalha com tradução. Publicou as plaquetes *p / você* (7Letras, 2019) e *cidade menor* (Primata, 2020) e os livros *diário: a mulher e o cavalo* (Contravento, 2017) e *Metamorfoses do Sr. Ovídio* (Arte & Letra, 2022).



EXPEDIENTE

Secretário da Comunicação Social de da Cultura

João Evaristo Debiasi

Superintendente-geral da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editor

Omar Godoy

Redatores

Hiago Rizzi

Isabella Serena

Luiz Felipe Cunha

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Junior Milek

Colaboradores desta edição

Dani Durães

Julia Raiz

Karina Buhr

Marcela Dantés

Mariana Balan

Murilo Basso

Rodrigo Garcia Lopes

Ilustração de capa

Leonardo Yorka



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

